



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA-CESPD
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS

CICERA SOARES DE ALENCAR FIALHO SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM *NEGRINHA* DE MONTEIRO LOBATO

Presidente Dutra – MA

2019

CICERA SOARES DE ALENCAR FIALHO SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM *NEGRINHA* DE MONTEIRO LOBATO

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Ensino Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e respectivas Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Ms. Jonh Jefferson do Nascimento Alves

Presidente Dutra - MA

2019

Silva, Cícera Soares de Alencar Fialho.

A representação do negro em Negrinha de Monteiro Lobato / Cícera Soares de Alencar Fialho Silva. – Presidente Dutra, 2019.

44 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do Nascimento Alves.

1.Representação. 2.Negro. 3.Literatura Lobato. I.Título

CDU: 821.134.3(81)-34

CICERA SOARES DE ALENCAR FIALHO SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM *NEGRINHA* DE MONTEIRO LOBATO

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Ensino Superiores de Presidente Dutra – CESPDP como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e respectivas Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Jonh Jefferson do Nascimento Alves (orientador)

Mestre em Letras

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Profa. Esp. Wildêglan Marques Sousa Bezerra

Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica

Instituto de Ensino Superior Franciscano

Profa. Esp. Marrony da Silva Alves

Especialização em Gestão Educacional e Escolar

Universidade Estadual do Maranhão

A Deus pela sua infinita graça, bondade e amor, e a minha família que esteve sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

O conhecimento é algo valioso, e desejado por muitos. A trajetória para esse conhecimento é árdua e às vezes desanimadora, porém, quando o desejo parte do nosso coração, sabemos que será possível.

Na trilha desse caminho encontramos aqueles que nos abraçam, nos apoiam, nos direcionam e nos tornam vencedores. Como é bom e agradável, agradecer a estes que colaboraram para o alcance do nosso sucesso. Minhas sinceras palavras de gratidão.

Primeiramente a Deus, pelo seu amor e sua infinita graça, que me concedeu o potencial de poder concretizar mais uma etapa em minha vida.

A minha família, que me apoiou em todos os momentos difíceis, em especial, ao meu amado esposo, Giliard Fialho da Silva que sempre me deu forças para continuar o curso.

As minhas queridas amigas, Charlene Matos dos Santos, minha colega de todos os trabalhos, Ângela Brenda da Conceição e Jaciele Fernandes pelo companheirismo durante todo o curso.

A todos meus professores, que tive o prazer de conhecer durante esses quatro anos, em especial aos que estiveram nesse período e presenciaram os momentos de agonias e preocupações na finalização do curso.

A Professora: Esp. Marrony da Silva Alves, pela força, apoio e carinho.

A Professora: Esp. Joerta Bezerra pela paciência, força e carinho.

Ao Professor: Ms. Jonh Jefferson do Nascimento Alves, pela orientação, atenção, carinho.

A Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, que concedeu a oportunidade de realizar do curso.

A todos aqui mencionados, meu muito obrigado! Que Deus abençoe.

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...*

*Negras mulheres, suspendendo às tetas.
Magras crianças, cujas bocas pretas.
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais. ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...*

Navio Negreiro
Castro Alves

RESUMO

A presente monografia tem como temática a representação do negro em *Negrinha* de Monteiro Lobato (1920), que explora a visão desumana que continuava nas mentalidades e nos hábitos dos senhores escravocratas, mesmo com a abolição de 1888. Aborda-se no tocante, o negrinho, o mulato, o mestiço tal como escrito em nossa literatura, que o apresentou como ele tem sido exibido na sociedade brasileira observando-o perpassando de objeto a sujeito, ou seja, apresentou-o assim como ele tem sido exibido na sociedade brasileira desde os primórdios de sua existência. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando como base, a obra de um autor considerado celebre no contexto literário brasileiro, José Bento Monteiro Lobato (1882 a 1948). Para análise da obra, primeiramente fez-se necessário uma apresentação da história do negro no Brasil nos períodos abolição e escravidão, como também uma visão do negro dentro da literatura brasileira. Buscou-se em sequência apresentar o perfil Monteiro Lobato dentro da literatura brasileira, sua contribuição para o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil, como também a posição de alguns críticos, que falam sobre o comportamento de Lobato, na temática negra. Para fundamentação desta análise, utilizou-se de autores, como, Monteiro Lobato (2008), Lajolo (2007), Candido (1999), Sodré (1911), e Fairclough (2001). Esse trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão através da obra *Negrinha* (1920) de Monteiro Lobato, que mostra a forma como os negros eram tratados mesmo depois de abolição de 1888. Para representar essa gente, será abordada a personagem Negrinha, que recebe o mesmo título da obra e do conto. A cerca da nomenclatura conferida aos negros, esses são denominados como os inferiorizados, os marginalizados, os estereotipados são assim que os encontramos em vários momentos literários, estes vivenciaram os difíceis tempos de escravidão e foram suprimidos pela classe dominante (brancos) e que mesmo depois de libertos ainda viviam sobre o regime escravagista.

Palavras-chave: Representação. Negro. Literatura Lobato.

ABSTRACT

The present monograph has as its theme the representation of the black in *Negrinha* de Monteiro Lobato (1920), which explores the inhuman vision that continued in the mentalities and habits of slaveholders, even with the abolition of 1888. The nigger is approached touchingly. , the mulatto, the mestizo as written in our literature, who presented him as he has been exhibited in Brazilian society observing him passing from object to subject, that is, presented him as he has been exhibited in Brazilian society since the beginnings of its existence. A bibliographical research was carried out, using as base, the work of an author considered celebrated in the Brazilian literary context, Jose Bento Monteiro Lobato (1882 to 1948). To analyze the tale, it was first necessary to present the history of black people in Brazil during the abolition and slavery periods, as well as a vision of black people within Brazilian literature. We sought to present the Monteiro Lobato profile within the Brazilian literature, its contribution to the development of children's literature in Brazil, as well as the position of some critics, who talk about the behavior of Lobato, in the black theme. To support this analysis, we used authors such as Monteiro Lobato (2008), Lajolo (2007), Candido (1999), Sodré (1911), and Fairclough (2001). . This work aims to make a reflection through the work *Negrinha* (1920) by Monteiro Lobato, which shows how blacks were treated even after the abolition of 1888. To represent these people, will be approached the character *Negrinha*, who receives the same title of the work and the tale. About the nomenclature conferred on blacks, these are termed as the inferior, the marginalized, the stereotypical as we find them in various literary moments, they experienced the difficult times of slavery and were suppressed by the ruling class (whites) and that even after of freedmen still lived under the slave regime.

Keywords: Representation. Black. Literature Lobato.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O NEGRO NO BRASIL: ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO	12
2.1 A Representação do Negro na Literatura Brasileira	16
3 MONTEIRO LOBATO NO CENÁRIO DA LITERATURA BRASILEIRA	21
3.1 Monteiro Lobato por ele mesmo e segundo a crítica: Pré-modernismo à Revolta contra os Modernistas	21
3.2 O Precursor da Literatura Infantil: atuação e repercussão	25
3.3 O negro na obra de Lobato e os conflitos sobre os pareceres 2010 e 2011	27
4 REFLEXÃO SOBRE O NEGRO EM NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO.....	32
4.1 Linguagem e significação do conto.....	34
4.2. Preta, Fusca, Mulatinha: preconceito e discriminação	36
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O período escravocrata no Brasil permaneceu por muito tempo e desde as instancias fundadoras se tem ouvido e assistido por muitos a posição do negro no contexto social brasileiro. Mesmo depois da Lei Imperial, nº 3.353, mais conhecida como Lei Áurea (1888) que assegurava a abolição dos escravos, os negros continuaram sendo suprimidos pelos que os consideravam diferentes (brancos), a marginalização, a suplantação, dentre outros substantivos distinguiram os negros nos cânones brasileiros, a presença destes no cenário literário é marcada por traços de uma forte e dolorosa situação de descaso vivenciado desde o início da história do Brasil. (EVARISTO,2009).

Nessa perspectiva, a presente monografia tem como temática a representação do negro em *Negrinha* de Monteiro Lobato (1920), que explora a visão desumana que continuava nas mentalidades e nos hábitos dos senhores escravocratas, mesmo com a abolição de 1888. Aborda-se no tocante, o negrinho, o mulato, o mestiço tal como escrito em nossa literatura, que o apresentou como ele tem sido exibido na sociedade brasileira. Utilizando como base, a obra de um autor considerado celebre no contexto literário brasileiro, José Bento Monteiro Lobato (1882 a 1948), por meio da análise da sua obra *Negrinha* (1920).

A pesquisadora buscou mostrar que a obra *Negrinha* (1920), representa os negros, os mulatos e os mestiços, estes, que no decorrer da história brasileira foram vítimas de preconceitos e discriminações, onde pode-se inferir que termos como a escravidão, o preconceito, a tortura, os maus tratos, a violência, a desumanidade, todos esses são fatores que durante muito tempo permaneceram dentro da sociedade brasileira, e que mesmo depois da abolição o negro ainda não tinha concebido a sua total liberdade.

A obra analisada tem como personagem central, uma menina negra, de sete anos, que constantemente sofre os mais absurdos tratamentos de sua senhora. A personagem principal da obra homônima é uma simples menina, que por meio da escrita de Monteiro Lobato representa uma classe, um povo, seres que bruscamente serviram como alicerce na construção de um país, país esse que forçou e retirou deles a mais plena felicidade, a liberdade.

Ao trabalho, fez-se também necessário apresentar a história do negro no Brasil, nos dois momentos históricos: escravidão e abolição. Como também abordar algumas escolas literárias que enfatizaram a temática negra: Romantismo, Naturalismo, Pré-modernismo e Modernismo. Autores destas escolas que trouxeram para suas literaturas a presença do negro, do mestiço, do mulato, e seus descendentes nas diversas formas de representação: os suprimidos, os marginalizados, os subordinados, e os estereotipados.

Ao trabalho buscou-se também ressaltar a contribuição de Monteiro Lobato no cenário brasileiro, este, que contribui para o desenvolvimento do seu país, como também foi considerado o percussor da literatura infantil brasileira. Mesmo com uma literatura engajada, demonstrando estar preocupado com o desenvolvimento de seu país, e que tenha colaborado para o crescimento da literatura infantil brasileira, ainda na atualidade há quem questione sua forma de escrita.

O que foi concludente relatar os pareceres 2010 e 2011 que acata a solicitação encaminhada pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), dirigida por Antônio Gomes da Costa Neto, que até a constante data ocupava o cargo de Gestão Educacional pela Universidade de Brasília. A solicitação se voltou ao tratamento que Monteiro Lobato, concedeu aos negros dentro de seus textos, os questionamentos se voltaram para a obra *Caçadas de Pedrinho* (1933) que há décadas vem sendo distribuída pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) e conta como uma obra de referência nas escolas públicas e particulares de todo Brasil.

Segundo Zilá Bernd (1988) a sociedade ao longo dos séculos teceu, através de anedotas, de estereótipos, de versões históricas manipuladas, imagens negativas associando o negro à barbárie, a sensualidade, a antropofagia e à escravidão. De acordo com a opinião da pesquisadora, houve uma criação imaginária negativa, a respeito do negro, colocando-o às margens da sociedade.

Analisando a obra, *Negrinha* (1920) percebeu-se muitas dessas versões conceituadas por Bernd (1988). Em face de tudo o que fora mencionado, *Negrinha*, faz com que torne-se visível a ocupação do negro dentro e fora da literatura, ressaltando algumas das situações vivenciadas no país relacionadas a momentos de diferenças, principalmente na questão racial.

A presente monografia se justifica na necessidade de tornar visível que os negros e seus descendentes no decorrer da história brasileira foram vítimas de muitos preconceitos e discriminações devido a sua cor, visto que a obra *Negrinha* é um reflexo de todo esse momento histórico, o que faz refletir sobre o teor desumano que assolou a nossa sociedade, apresentando traços histórico que prevaleceram e prevalecem até os dias atuais.

Os procedimentos metodológicos adotados centram-se na pesquisa bibliográfica com leitura crítica-reflexiva. Para fundamentação desta análise, utilizou-se de autores, como, Monteiro Lobato (2008), Lajolo (2007), Candido (1999), Silva (2001) Sodré (1911), Fairclough (2001) etc.

Este trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro buscou apresentar a História do Negro no Brasil nos dois momentos históricos: escravidão e abolição, como também sua representação na literatura brasileira. O segundo capítulo ressaltou a contribuição de Monteiro Lobato no cenário brasileiro e os pareceres 2010 e 2011. O terceiro e último capítulo uma reflexão sobre o negro através do conto *Negrinha* (1920) um reflexo que aponta os preconceitos e as discriminações sofridas pelos negros e seus descendentes no contexto social brasileiro.

2 O NEGRO NO BRASIL: ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO

Também conhecida como “escravismo ou escravatura”, a escravidão no Brasil marcou-se pela exploração de mão-de-obra africana, os europeus, que nesse momento da história estavam sobre o poder da colonização deste país, traziam os negros da África e os transformavam em escravos no Brasil. Ao chegar em solo brasileiro, os escravos foram destinados a trabalhos duros, sendo inserido principalmente na parte da agricultura, mineração entre outras atividades braçais. De início o trabalho consistiu na produção de açúcar, que obteve grande produtividade em meados dos séculos XVI a XIX (SODRÉ, 1911).

No período da colonização, o cultivo dessa matéria-prima só foi possível graças à força negra, sendo com isso, atribuído a ele o desenvolvimento da produção canavieira. Sodré (1911) em o Panorama do Segundo Império, afirma que é nos canaviais que se inicia a vida brasileira, e que através desse meio de produção muitos negros eram trazidos para as terras brasileiras, contribuindo assim para o fortalecimento do comércio negreiro.

Além do açúcar, outra forma de exploração, foi à mineração do ouro, o que mais uma vez se faz necessário à presença da mão-de-obra africana. Por esse motivo “em meados do século XVIII, período que corresponde à segunda etapa do desenvolvimento econômico do Brasil, no caso a do ouro, em Minas gerais entra um grande número de escravos. Os que vinham para a exploração, traziam os servos, e mandavam buscar mais. Entre os períodos de 1878 a 1886 a média de imigrantes que adentravam no país correspondia a vinte mil por ano, e em 1887 sobe para cinquenta e cinco, em Rio de Janeiro e Santos em 1888 chega a cento e trinta mil (SODRÉ, 1911).

Os negros que chegavam até o porto brasileiro vinham da Angola, do Congo, de Benguela, Moçambique entre outros países africanos. Analisando os relatos de Sodré (1911), no decorrer da história brasileira houve um grande número de importação escravista, onde a nação africana foi a que sofreu todo esse impasse, o que prevaleceu por bastante tempo. Sobre o solo fértil brasileiro, o negro serviu de objeto nas mãos de seus senhores, marcados pelo abuso da força de trabalho, com também da violência que resignava sobre eles. As excessivas e duras jornadas de trabalho estabeleciam a nova vida dessa gente.

O *Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco (2000), menciona que o tráfico dos negros, provocou grandes sofrimentos para o povo negro. Nas palavras do autor, as torturas e os maus tratos, se iniciaram na África, depois no mar, e por último no Brasil. Segundo Nabuco (2000, p.39), “Uma vez desembarcados, os esqueletos vivos eram conduzidos para o eito das fazendas, para o meio dos cafezais. O tráfico tinha completado a sua obra, começava a da escravidão”. Mais adiante ele afirma:

Vimos o que foi o tráfico. Pois bem, essa trilogia infernal, cuja primeira cena era a África, a segunda o mar, a terceira o Brasil, é toda a nossa escravidão. Que semelhante base é perante a moral monstruosa; que a nossa lei não podia reduzir africanos, isto é, estrangeiros, a escravos; que os filhos desses africanos continuam a sofrer a mesma violência que seus pais, e por isso o título porque são possuídos, o fato do nascimento, não vale mais perante qualquer direito, que não seja a legalização brutal da pirataria, do que o título de propriedade sobre aqueles: são princípios que estão para a consciência humana fora de questão. Mas, mesmo perante a legalidade estrita, ou perante a legalidade abstraindo da competência e da moralidade da lei, a maior parte dos escravos entre nós são homens livres criminosamente escravizados. (NABUCO, 2000.p.12, grifo nosso).

Depois de tantos anos de escravidão, começaram a se pensar na libertação escravocrata. E com alguns posicionamentos positivos para essa tomada de decisão, inúmeras tentativas emancipacionistas desejavam por fim no trabalho escravo. Joaquim Nabuco, nesse contexto, foi um importante abolicionista, entre os períodos de 1878 a 1888, sendo considerado o principal representante parlamentar dos abolicionistas.

Percebe-se na colocação de Nabuco a expressão “homens livres criminosamente escravizados” com essa pontuação o abolicionista quer mostrar a sua sociedade que os escravos são homens livres, no entanto a sociedade o escravizou. Eis a amostra do pensamento e diretivas de Nabuco:

Porque a escravidão arruína economicamente o país, impossibilita o seu progresso material, corrompe-lhe o caráter,[...] excita o ódio entre classes,[...] Porque a escravidão é um peso enorme que atrasa o Brasil no seu crescimento em comparação com os outros Estados sul-americanos que a não conhecem;[...] porque, somente quando a escravidão houver sido de todo abolida, começará a vida normal do povo, existirá mercado para o trabalho, os indivíduos tomarão o seu verdadeiro nível, as riquezas se tornarão legítimas, a honradez cessará de ser convencional, os elementos de ordem se fundarão sobre a liberdade, e a liberdade deixará de ser privilégio de classe. (NABUCO, 2000.p. 20)

Sabe-se que a libertação não se deu somente devido as propostas abolicionistas, os negros também contribuíram para o fortalecimento dessa nova visão. Pois, os próprios escravos, cansados de tanto sofrimento passaram a se rebelar contra a situação, sob forma de resistências, estes iniciaram a sua luta em favor de suas libertações. Antes da abolição os negros já não aguentavam mais tanto sofrimento e resolveram fugir de seus senhores, formando assim quilombos (aldeias que refugiavam os escravos). O Quilombo dos Palmares, localizado em Alagoas, estado de Pernambuco, no século XVII, foi considerado o maior quilombo da América Latina. Liderado por Zumbi dos Palmares, um dos símbolos das lutas e resistências.

Diante de muitos convencimentos, lutas e resistências, em 13 de maio de 1888, o império, que tinha entre as figuras no comando a Princesa Isabel, decreta a libertação dos escravos por meio da Lei intitulada de Lei Áurea. Nesse dia houve grandes festas e celebrações, porém passageiras. (NABUCO, 2000).

Mesmo depois de libertos, muitos escravos não conseguiram sua total liberdade, pois eram constantemente ameaçados de morte, torturados, trabalhavam incansavelmente para pagar dívidas que não tinham fim.

Para fugir de tais situações, muitos deles continuaram vivendo com os seus senhores e foram obrigados a negociar seus trabalhos braçais em troca de um pedaço de terra. Aos que não cediam a tal negociação se sujeitavam a buscarem moradias em regiões precárias, afastados das cidades, vivendo em ambientes imundos (MARINGONI, 2011).

Segundo Gilberto Maringoni (2011),

A campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação (MARINGONI, 2011.p. 01, grifo nosso).

Sobre a colocação de Maringoni, compreende-se que os escravos foram abandonados, largados pelas ruas das cidades brasileiras, e como ele mesmo pontuou “largados a própria sorte” não conseguiram totalmente a sua liberdade e nem mesmo direitos que garantissem uma vida melhor. Aos negros não foi

concedido o trabalho assalariado, tiveram que se sujeitar mais uma vez àqueles que mantinham o poder.

Segundo Munanga e Gomes (2004), mesmo depois da abolição o Brasil viveu o “ranço escravagista”, em que a relação entre senhores e ex-escravos continuava pautada na escravidão, pois a sociedade colonial não aceitou de imediato a nova realidade. Com essa não aceitação, coube aos negros implementar um longo e desgastante processo de igualdade, em lutas de direitos, e de acesso, aos vários setores sociais, resultando assim na construção de uma desigualdade social que continua até os dias atuais. No anseio de conseguir sua total liberdade e reverter tais situações, os negros iniciaram uma incansável batalha em favor da igualdade entre raças e alguns movimentos foram criados. Eis alguns movimentos negros,

Revolta da Chibata, movimento liderado por um negro, que se opôs ao modo como eram tratados os marujos da marinha brasileira, no início do século XX. [...] Movimento das Mulheres Negras que destaca a articulação entre raça e gênero dentro das relações étnicos/raciais na sociedade brasileira de um modo geral e dentro dos movimentos sociais em específico. [...] A instauração do dia 20 de novembro que nos remete à memória de Zumbi de Palmares e a criação e vida da imprensa negra, um instrumento de luta política e de expressão intelectual da comunidade negra. (MUNANGA, GOMES, 2004.P.108).

Em a revolta da chibata em 1910 mais de dois mil marujos se apoderaram aos navios de guerra, na cidade, Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, com a finalidade de pôr fim aos castigos físicos dos marujos na Marinha do Brasil.

Enfrentando dificuldades em uma sociedade machista e racista, o movimento das mulheres negras, em 1980, almejava a igualdade de direitos entre raça e gênero, visto que elas sofriam aos dois casos de preconceitos.

A instauração do 20 de novembro em 1971, remete a substituição do 13 de maio pelo 20 de novembro (data de aniversário de Zumbi), já que durante muito tempo os livros didáticos apresentavam o 13 de maio, como a consagração da libertação dos escravos, sendo que nos livros nada se estudavam e discutiam a respeito das resistências e as lutas que os africanos escravizados tiveram que enfrentar, inclusive a de Zumbi dos Palmares. (MUNANGA, GOMES, 2004).

Com bases nos relatos acima, percebe-se que a história do negro no Brasil foi marcada por grandes adversidades o que coube ao negro o papel de tentar

igualar essas diferenças e conquistar o seu espaço, o que talvez ainda necessite de mais conquistas, visto que ainda muitos não conseguiram aceitar tais diferenças.

2.1 A Representação do Negro na Literatura Brasileira

Nas palavras de Stuart Hall (1977, apud BARBOZA E CORTEZ, 2016), é através da construção de imagens e das representações que se criam as relações entre determinados grupos, inclusive as étnico-raciais. Segundo o autor, representação seria a produção de sentido pela linguagem através da cultura social, onde:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (STUART HALL, 1977, apud BARBOSA E CORTEZ, 2016.p 104).

As relações entre os grupos sociais são formadas historicamente através de imagens e representações. Nesse contexto serão traçadas, breves considerações a respeito do negro entre os séculos XIX e XX, apresentando algumas escolas literárias, como: Romantismo, Naturalismo, Pré-modernismo e Modernismo.

Para Nilma Lino Gomes (2002), “a interiorização do corpo negro foi um instrumento usado pelo regime escravista para justificar a reificação do homem negro” (GOMES,2002 apud BARBOSA, CORTEZ,2016). Nesse sentido, o perfil do corpo negro, como, a cor da pele, do cabelo, nariz entre outras características físicas serviram de argumentos para a comparação entre negros e brancos, construindo uma identidade diferenciada através dos sinais corporais. Frantz Fanon (2008) em *Pele negra mascaras brancas* chamou de “esquema epidérmico” a marca do estigma recebido pelo negro, devido à cor da pele.

Elaborei, abaixo do esquema corporal, um esquema histórico-social. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos resíduos de sensações e percepções de ordem, sobretudo tátil, espacial, cenestésica e visual, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos. (FANON 2008. p. 104).

Neste caso verifica-se que a sociedade branca se torna a responsável pela caracterização da cor como ferramenta de distinção. Através de “relatos e anedotas” assim como pontua Fanon, o negro sofreu tal parte de preconceitos e em vários momentos históricos eles foram vistos assim. A literatura por sua vez reproduziu essa caracterização.

Devido a essa distinção, nos manuais canônicos brasileiros, a presença do negro nas literaturas apareceu mais como tema do que como voz autoral, ou seja, ao negro não era atribuído o direito fala, a liberdade de expressão, nem se quer o direito de ir e vir restou a ele viver sobre os domínios do homem branco, que suprimiu, reduziu e inferiorizou essa gente. Todos esses atributos negativos são presenciados no conto, *Negrinha* (1920), que é o objeto alvo desse trabalho.

Segundo Conceição Evaristo (2009) os negros e os mestiços apareceram na literatura brasileira, estereotipados e invisibilizados. E em outras palavras a autora pontua a posição de Cuti (2002) o iniciador de *Cadernos Negros* e o fundador do grupo Quilombhoje ao afirmar que a literatura brasileira era abusivamente branca.

Castilho (2004) afirma que a abolição do tráfico negro ocorrida em 1850, obrigou os escritores brasileiros a dirigirem sua atenção aos escravos, em especial o tratamento recebido por eles, e que antes desse período quase não havia personagem negros nas literaturas brasileiras. A autora coloca ainda, que nos textos literários desse período os escravos eram representados como seres desumanos.

No Romantismo, o primeiro romance a abordar a temática escravista foi o *Comendador* de Pinheiro Guimarães (1856). Durante os períodos (1836 a 1881) os romances literários se voltavam para a construção da identidade nacional brasileira, apresentando o índio como objeto de representação nacionalista. No final da fase indianista o negro aparece para contracenar com o índio. Se o índio, em sua natureza, representava a força, a bravura e o orgulho de sua independência, o negro representaria a escravidão, o transigente, submisso, como aparece em o *Til* (1872) de José de Alencar, um romance onde o negro assume um conformismo harmônico com seus senhores (CASTILHO,1999).

Mais adiante em 1875, em a *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, o negro é colocado como um herói, através da personagem Isaura, filha de pai branco e mãe negra, ela simbolizava o branqueamento do povo africano, a mulata recebe atributos positivos, como beleza e inteligência. Guimarães toca o ápice literário,

sendo reconhecido como um grande autor, o primeiro a colocar em pauta o abolicionismo.

Porém, vale ressaltar que embora a personagem fosse mulata, recebe características brancas, o que torna possível observar as dificuldades encontradas pelos escritores brasileiros em declarar o negro como um ser visível. “[...] deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (GUIMARÃES, 1999.p.4).

Outro autor foi Castro Alves, apesar de ser considerado o poeta dos escravos, há quem diga que ele foi um autor que marginalizou o negro em seus textos. Segundo Castilho (2004),

Castro Alves ainda via os negros como a raça maldita, os descendentes de Caim que tinham sido expulsos do paraíso para as arei-as ardentes da África; reproduziu o mito europeu que considerava a África um continente desafortunado e abandonado pela civilização (CASTILHO, 2004, p.105).

Em os Escravos (1883) Castro Alves reúne vários poemas antiescravistas, sobre um pensamento abolicionista, o considerado “poeta dos escravos” engajou em sua literatura, o abolicionismo. Em seus versos procurou demonstrar o comportamento escravista. Com um tom romântico e trágico retratou os escravos, com o intuito de despertar a sociedade sob tais práticas de desumanidade. Em *Navio Negreiro (1868)* Castro Alves comove o leitor com sua poesia.

[...] Negras mulheres, suspendendo às tetas. Magras crianças, cujas bocas pretas. Rega o sangue das mães: Outras moças, mas nuas e espantadas, no turbilhão de espectros arrastadas, em ânsia e mágoa vãs! (ALVES, 1883. p.88)

Nesse poema o autor deixa visível o sofrimento das crianças, das moças, das mulheres nos porões dos navios que trafegavam os negros da África para o Brasil. Em uma sucessão de horrores, pessoas tratadas como bichos, violentadas, amontoadas nos porões, por muitas vezes desejavam a morte, porque não suportavam tanto sofrimento.

No Naturalismo (1881 a 1883) que segue as teorias científicas importadas da Europa, autores, com Aluísio de Azevedo em o *Mulato (1881)* apresenta o negro

como personagem principal, através de um personagem estereotipado (Raimundo) o autor denuncia o preconceito racial, a escravidão e o clero. Na nota informativa da obra, Gioseff (2011) pontua,

Em *O mulato*, publicado no ano de 1881, Aluísio Azevedo deixa marcado, pela ambiência e cenário da obra, o preconceito racial maranhense, além de demonstrar os abusos eclesiásticos que se escondiam, como por salvo-conduto, na batina e na suposta santidade de um homem por ter-se tornado um padre. O fato de retratar as contradições e intolerâncias maranhenses explica por que a obra foi recebida de maneira entusiástica pela crítica literária na corte e nas províncias e renegada no Maranhão. (GIOSEFF, apud, CASTILHO 2001, p.105)

Nesse sentido, o autor coloca em pauta a sociedade maranhense e a igreja como os principais contribuintes para a construção do preconceito negro. O naturalismo fortificou a presença de personagens negros na literatura, autores desse período trouxeram a imagem dos negros estereotipados, subordinados e comparados ao demônio. Em *O Cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo percebe-se essa apresentação.

[...] ninguém como Rita, só ela, aquele demônio, tinha o mágico segredos daqueles movimentos de cobra amaldiçoada, aqueles requebros que não podia ser sem o cheiro que a mulata soltava de si sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa suplicante, meiga e arrogante. (AZEVEDO, 1980, p.20)

Ao se referir à personagem Rita “aquele demônio”, o autor deixa claras as posturas assumidas pelos negros. Um ser dotado de atributos negativos que poderiam contaminar aqueles que não fossem negros, demonstrando a posição que eles ocupavam.

No Pré-modernismo, Monteiro Lobato, propõe enfatizar os problemas sociais brasileiros e na temática negra, explorar em muitos aspectos o povo negro após a abolição da escravatura. Em *Negrinha* (1920), o autor enfatiza a não aceitação da abolição. Através das relações de convívio entre as personagens, Negrinha e Dona Inácia, é possível fazer uma reflexão sobre este período histórico.

No Modernismo (1930 a 1945) Jorge Amado exacerba a mulata, atrelando-a a sensualidade, reforçando o estereótipo da mulher negra como símbolo de práticas sensuais e sexuais. *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), é mais um romance que marca o cenário da caracterização da mulher negra, impondo a ela

erotismo e a sensualidade como características físicas que era propícia da classe negra.

Em resumo, a literatura brasileira tornou-se um processo de reprodução de uma realidade, através da ficção, foi possível observar a situação de uma sociedade, de um povo: os negros, os mestiços, os mulatos, foram apresentados de diversas formas, desde os suprimidos, os embranquecidos, os subordinados, e os estereotipados é assim que os encontramos em vários momentos da história.

3 MONTEIRO LOBATO NO CENÁRIO DA LITERATURA BRASILEIRA

Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, José Bento Monteiro Lobato (1882 a 1948), foi um grande contribuinte da Literatura Brasileira, exerceu inúmeras funções, como: escritor, diretor, produtor, fazendeiro jornalista. Além destas profissões atuou como editor, onde contribuiu para o desenvolvimento do mercado empresarial do país e para a ampliação do público leitor, tornando-se o pioneiro na indústria brasileira de livros (CANDIDO,1999).

Apesar de todas essas funções é na literatura que Lobato se consagra. Um autor crítico que usou a literatura para colocar em pauta os posicionamentos e comportamentos da sociedade de sua época. Ainda em vida, Monteiro Lobato organizou a chamada “Obra *Completa*” dividindo suas produções em duas seções: Literatura Geral editada em 1946 e Literatura Infantil em 1947.

3.1 Monteiro Lobato por ele mesmo e segundo a crítica: Pré-modernismo à Revolta contra os Modernistas

Sobre o Monteiro, Candido (1999. p.67) comenta que, Lobato, possuía vários temperamentos e que apresentava ser uma pessoa inquieta e com personalidade forte. Trocando o direito pelo mundo das letras, tornou-se escritor crítico e através de uma literatura engajada retratou a sociedade de sua época. Trabalhando na imprensa paulista e carioca escreveu seu primeiro artigo, *Velha Praga* (1914), nele denuncia as queimadas do Vale do Paraíba, desse texto segue o livro *Urupês*, (1918) colocando Jeca Tatu como personagem símbolo. Continuando sua carreira como escritor, escreveu outras obras direcionadas ao público adulto. *Cidades Mortas* (1919) e *Negrinha* (1920), (CANDIDO,1999).

Em *Urupês*, o personagem Jeca Tatu representa o subdesenvolvimento do homem do campo, em *Cidades Mortas*, retrata a decadência das cidades paulistanas no Vale do Paraíba no início do século XX e em *Negrinha*, aborda as posições ocupadas pelos negros diante aos brancos após a Lei Áurea (1888) que assegurava a libertação dos escravos. Obra aqui discutida.

Com pensamentos regionalistas, em a *Reforma da Natureza*, (1941), o autor descreve o Brasil como um grande sítio. “No dia em que o nosso planeta ficar

inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade.” (LOBATO, 1956, apud CANDIDO, 1999.p.60).

Nesse trecho, o autor compara o nosso Brasil com um grande sítio e almeja existir felicidade perfeita no dia em que o país se ater para a paz que a vida no campo oferece. Foi no sítio que o autor escreveu uma boa parte de seus livros e é nesse cenário que o mesmo cria uma concepção da sociedade e do mundo. No período que se tornou fazendeiro chegou a fracassar.

Segundo Candido, (1999) esse momento difícil que o escritor passou favoreceu para o seu engajamento literário, sendo nessas fases que utilizou-se de diversas formas, principalmente a escrita como ferramenta de ataque social.

No começo da carreira fracassou como proprietário rural, e isso talvez haja contribuído para o desprezo amargo com que tratou o homem do campo em vários contos e artigos. A seguir fundou em São Paulo a importante Revista do Brasil (1916-1925) e uma editora que revolucionou a feitura do livro. Antes, este era, ou editado na Europa, ou editado aqui de maneira graficamente incaracterística, por empresas de pequeno porte ou associadas a firmas europeias. Monteiro Lobato concebeu um tipo materialmente original de livro, barato e elegante, destinado a publicar autores brasileiros contem- porâneos. (CANDIDO 1999. p.67)

Após deixar a vida no campo, Lobato seguiu seus trabalhos como escritor fundando a *Revista do Brasil (1916-1925)* e iniciou sua vida no empresariado tornando-se o pioneiro na indústria do livro. Com a criação da editora de Monteiro Lobato (1918), os livros que eram editados fora do país, no caso a Europa, passam a ser editados no Brasil, possibilitando o aumento de escritores brasileiros.

Em 1931, com a fundação da Companhia do Petróleo do País, na qual fazia campanha pela a exploração de minérios brasileiros e em 1941, durante o governo de Getúlio Vargas, acabou sendo preso por três meses, pois criticou as leis que impediam a nacionalização do petróleo (CANDIDO,1999).

De forma pura e clara, em seus textos predominavam uma linguagem simples e fácil, sob o ponto de vista cultural e artística adotava uma postura nacionalista, o que fez não assumir compromisso efetivo com o movimento renovador; os modernistas. Para ele essa renovação, seria mais uma imitação das ideias estrangeiras. Assim escreve o artigo *A propósito da exposição Malfatti “Paranoia ou Mistificação?”* (1917) no qual faz uma crítica as pinturas da artista, o que faz romper com os artistas da Semana da Arte Moderna de 22.

Com a transição e a preparação para emancipação da literatura brasileira, o pré-modernismo, fase que caracteriza esse momento, surgiu no Brasil, literaturas que expõem temáticas como: o nacionalismo, o regionalismo e a exposição da realidade brasileira após a libertação da escravatura, enfatizando a vida dos imigrantes estrangeiros para o Brasil para substituir a de mão-de-obra rural e escrava, já que os negros foram marginalizados nos centros urbanos, após a intitulação da lei Aurea. Os principais autores pré-modernistas são: Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato (CANDIDO,1999).

Com a semana da arte moderna em 1922 inicia-se a fase modernista brasileira no século XX. Este veio para quebrar com o tradicionalismo existente da época e se pretendiam renovar os rumos artísticos e culturais. Baseada nas vanguardas europeias, Futurismo e Cubismo, os autores brasileiros ansiavam uma nova linguagem estética, tanto nas artes plásticas como nas literaturas, onde se pretendiam misturar essas tendências com os enfoques culturais brasileiros.

Assim, a literatura, a música, o cinema, design, a artes plásticas precisavam ser modificadas. Segundo Ênio Passiane (2002) o objetivo da literatura pré-modernista era fazer uma renovação nos rumos da literatura nacional, com o intuito de aproximar as relações entre escritor e leitor e fazer uma literatura que fosse realmente brasileira, exprimindo os aspectos sociais e regionais do nosso país.

A literatura pré-modernista, em certo sentido, modificou e aproximou as relações entre escritor e público ao se tornar porta-voz desse público, dos seus anseios, desejos e necessidades. A aproximação também reverbera nos procedimentos estilísticos: filiação com a oralidade, incorporação de temas folclóricos, mergulho no regionalismo. (PASSIANE, 2002, p. 254).

O Modernismo no Brasil foi uma porta aberta para a inicialização do campo cultural brasileiro, assim, na literatura os autores modernistas abordavam temas típicos do país e utilizava-se de uma linguagem regionalista, mas, nem todos assumiram essa nova forma estética. Monteiro Lobato, apesar de retratar em seus textos aspectos culturais e sociais de seu país, acabou por ser considerado um pré-modernista, pois não concordou com as posturas estéticas da semana 22 e acabou por criticar autores que adotaram essa nova arte.

Um dos artistas, foi Anita Malfati, que para Lobato, nas artes da pintura não haviam a modernidade brasileira que tanto se falavam e sim mais uma imitação estrangeira. Em *Paranoia ou Mistificação?* (1917), contida nas páginas do livro *Ideias de Jeca Tatu* (2008), o autor explica sua atitude contra a exposição de Anita Malfati.

Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida em má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se, de qualquer daqueles quadrinhos, como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui umas tantas qualidades inatas, das mais fecundas na construção duma sólida individualidade artística. Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e pôs todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. Sejam sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – mas caricatura que não visa, como a verdadeira, ressaltar uma ideia, mas sim desnothear, aparvalhar, atordoar a ingenuidade do espectador. (LOBATO, 2008.p.51)

Para Lobato, Malfati era uma grande artista, porém, sua pintura, escultura e arquitetura eram mais uma imitação do exterior, o que para ele não consistia em uma arte nacionalista. O autor defendia uma arte natural, filha de terras brasileiras, uma arte simples que retratasse o panorama cultural, as raízes que consolidavam o solo fértil no nosso país. Segundo, Camargo e Sacchetta (1997),

Ao acusá-la de se apropriar de elementos das vanguardas européias, Lobato está longe de tachar Anita de má pintora. O que pretendia era chamar a atenção para o perigo que rondava o artista brasileiro: importar escolas prontas e acabadas – os ismos estrangeiros – significava desviar-se ainda mais do caminho que levaria à independência artística, ou seja, à consolidação de um caráter estético nacional. Para ele, tais modernismos eram tão prejudiciais ao nascimento de um estilo próprio quanto o afrancesamento da elite colonizada (AZEVEDO, CAMARGOS & SACCHETTA, 1997, p. 170)

A preocupação de Lobato se dava no perigo que os artistas brasileiros corriam em mais uma vez imitar a Europa, fazendo assim um país ainda dependente do exterior. No artigo *A Questão do Estilo* do livro *Ideias de Jeca Tatu* (2008), Lobato pontua, [...] “Assim Seja assim a nossa arquitetura: moderníssima, elegantíssima, como moderna e elegante é a língua do poeta; mas, como ela, filha legítima de seus pais, pura do plágio, da cópia servil, do pastiche deletério.” (LOBATO, 2008.p.37).

Nesse fragmento do artigo, fica claro o ponto de vista de Lobato a respeito da modernidade que deveria existir no cenário artístico brasileiro. Sua visão voltava-se para uma arte pura, clara e sem mistura. Por não concordar com os estilos modernistas, Lobato foi considerado por muitos um pré-moderno. Apesar da negação no movimento, reconheceu a importância dos modernistas na arte brasileira.

3.2 O Precursor da Literatura Infantil: atuação e repercussão

Ainda na faculdade de direito, Monteiro Lobato começou a revelar seus anseios pela literatura, juntamente com seus colegas de curso, cria o grupo “Cenáculo” na qual as atividades realizadas, eram exclusivamente literárias. Depois de formado, Lobato, em uma correspondência trocada com o seu colega de turma, diz sentir necessidade de escrever para o público infantil e abordar temáticas relacionadas à cultura brasileira, para o autor, no Brasil, deveria existir literaturas que falassem a linguagem das crianças e que retratassem o folclore brasileiro, em seguida faz uma enquete na qual já existia em seu pensamento a figura do Saci.

[...] após ter se preocupado com a literatura infantil, conforme sugere a correspondência trocada com Godofredo Rangel, com quem comenta a necessidade de se escreverem histórias para crianças numa linguagem que as interessasse. Na mesma [45] época, quando esse objetivo era ainda vago e distante, faz uma *enquete* a respeito do Saci, entidade mágica cuja popularidade o impressiona, vindo a reaparecer na sua segunda obra para a infância, lançada também em 1921 (LAJOLO E ZILBERMAM .2007. p.43)

Monteiro Lobato, foi destacado como o precursor da literatura infantil no Brasil e em toda América Latina. Em 1921, ele publicou *Narizinho Arrebitado*, sua primeira obra infantil, sendo o segundo livro de leitura para o uso das escolas primárias.

Segundo Bignotto (2007) entre 1920 a 1930 a editora de Lobato publicou várias histórias curtas, dentre elas destacam: O Saci (1920), Fábulas de Narizinho (1921), O Marquês de Rabicó, Fábulas (1922), A caçada da onça (1924), O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Felix, Cara de Coruja (1928) entre outras. Uma boa parte dessas histórias foi organizada em um só volume que

recebeu o nome, *As reinações de Narizinho* (1931) e pouco depois em 1934 passou a ser *Reinações de Narizinho*.

Um dos destaques do autor é o *Sítio do Pica-pau Amarelo*, conhecida como a saga de Monteiro Lobato. Apesar de escrever diversos gêneros, é na Literatura Infantil que o autor se consagra literato brasileiro. Na interpretação de Lajolo (2007), O *Sítio do Pica-Pau Amarelo* é o ponto de partida de todas as narrativas infantis do autor.

Ainda segundo Lajolo (2007),

O sítio do *Pica-pau Amarelo* constitui sempre o ponto de entrada de todas as narrativas — ou, pelo menos, daquelas cuja ação principal é desempenhada pelos netos de Dona Benta, como em *Reinações de Narizinho*, já mencionado, *O Saci* (1921), *O Pica-pau Amarelo* (1939), *A chave do tamanho* (1942), entre outros, por heróis provenientes do exterior e introduzidos pela voz da velha senhora, como Peter Pan, D. Quixote, Hans Staden, ou as “aventuras didáticas” (*Emília no país da gramática*, de 1934, *O poço do Visconde*, de 1937). (LAJOLO E ZILBERMAM.2007.p 53).

Como menciona Lajolo e Zilberman (2007) o sítio constitui na peça principal para a criação das demais literaturas infantis de Lobato. Ele utilizou o sítio para a criação de novas histórias infantis, como também para a exploração da cultura brasileira. O sítio além de ser o ponto inicial para o surgimento das demais narrativas infantis, é uma metáfora do Brasil, pois é nele que se concentram uma boa parte dos aspectos sociais e culturais brasileiros.

Assim sendo, o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil — e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira [...] (LAJOLO E ZILBERMAM. 2007.p 54)

Em *O Poço de Visconde* (1937) o tema central é a existência de petróleo no solo fértil do Brasil, nela fica visível à intenção de Lobato quanto à ideia de nacionalização e exploração das terras brasileiras. Nesse sentido o autor utiliza-se do gênero infantil para colocar em prática sua visão a respeito dessa matéria prima e sua importância para a humanidade.

O que mais uma vez fica claro é o interesse de Lobato em usar a literatura para ser a porta voz da nacionalização brasileira. Esta obra repercutiu

bastante na época de sua escritura. Nas palavras de Lajolo e Zilbermam (2007) esta é a maior representação do cenário brasileiro, nela está inserido tudo que este autor almejava representar da pátria.

A maior contribuição literária de Lobato foram os livros infantis, é nesse gênero que o autor usa a sua imaginação e vivencia em seus livros a modernidade, utilizando de uma linguagem viva e encantadora. Misturando o real com a ficção, Lobato marcou a literatura infanto-juvenil, um ficcionista da realidade, que através de uma linguagem irônica, lúdica e simples, fez uma literatura naturalista e regionalista.

Além de suas próprias obras infantis, Lobato, preocupou-se em destinar outras produções às crianças, publicadas pelas editoras "Gamier" e "Laemmert", baseou-se em traduções portuguesas de textos clássicos de Gulliver, Robinson e D. Quixote" o que as modificou para uma linguagem moderna e brasileira (LAJOLO,2007). Nesse sentido, infere-se que o interesse desse autor era trazer para as crianças brasileiras o conhecimento e o gosto pela leitura.

Lajolo e Zilberman (2007) afirmam que desde os tempos de Lobato, a literatura infantil se consagrou como uma literatura moderna e que vários autores deram continuidade ao trabalho deste autor. E que tanto a literatura infantil moderna ou contemporânea seguiu o caminho da literatura lobatiana.

3.3 O negro na obra de Lobato e os conflitos sobre os pareceres 2010 e 2011

Como já foi mencionado anteriormente, Monteiro Lobato teve um grande destaque no cânone literário brasileiro. Em sua literatura, explorou aspectos sociais do Brasil e apresentou nos seus textos uma visão social, na temática do negro. No entanto, destacou-se como um dos autores mais emblemáticos da literatura brasileira.

Seus textos apresentam uma escrita que revela de forma brusca e cortante a posição ocupada pelos subordinados (escravos) na sociedade do período colonial, trazendo a figura do negro sempre na condição de subjugado, e em muitos instantes com características animais. Diante disso, faz-se pertinente analisar no presente estudo monográfico o parecer de 2010 e 2011 que se refere à obra, *Caçadas de Pedrinho* (1933).

No artigo “Monteiro Lobato e Politicamente Correto” através de publicações de jornais, os pesquisadores, Feres Jr, Fernandes Nascimento e Wimona Eisenberg (2013) apresentaram uma pesquisa sobre o assunto e a posição do Estado sobre os pareceres 06/2010 e 09/2011 elaborados pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE).

Em 30 de junho de 2010 a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) acatou solicitação encaminhada pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) que dizia respeito a uma denúncia feita à Ouvidoria da SEPPIR por Antônio Gomes da Costa Neto questionando a utilização, pela Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, de livro que veicularia “preconceitos e estereótipos contra grupos étnico-raciais”. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p. 71).

Em 30 de julho de 2010, O conselho Nacional da Educação (CNE), na Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, recebeu uma denúncia do técnico em Gestão Educacional e mestrando em Educação pela Universidade de Brasília, Antônio Gomes da Costa Neto, onde o tema em pauta se dava pelo racismo que a obra, *Caçadas de Pedrinho* (1933) poderiam conter.

Sobre a investigação de Neto, algumas partes da obra Infantil apresentam fortes cenas de preconceito racial, apreciadas por meio de uma análise feita pelo autor sobre a Educação para as Relações Étnicas raciais, onde houve a necessidade de uma avaliação peculiar sobre o assunto.

Em nota, o técnico declara a presença de passagens racistas, estereotipando o negro e África. A denúncia gerou várias controvérsias, pois o mesmo livro, da Editora, Globo, é utilizada como referência nas escolas públicas do Distrito Federal e que a mesma faz parte da coleção selecionada pelo PNBE-programa Nacional Biblioteca da Escola, e que há muito tempo é tida com referências nas escolas públicas e privadas de todo o Brasil.

A denúncia logo ganhou visibilidade, pois o mesmo livro, da Editora Globo, é distribuído pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) e tido há muitas décadas como obra de referência em escolas públicas e particulares de todo Brasil. Diante disso, a CEB/CNE produziu dois pareceres que foram objeto de grande controvérsia midiática. A denúncia tinha como objeto o clássico infantil *Caçadas de Pedrinho* do escritor paulista Monteiro Lobato (2008) e identificava, com exemplos textuais, a presença no livro de expressões de racismo e estereótipos em relação aos negros, sobretudo nas referências à personagem Tia Nastácia. (FERES JR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p. 71).

Observa-se que as palavras “racismo” e “estereotipias” caracterizam o alvo dos pareceres. As discursões a respeito do clássico infantil se predominam na forma de tratamento do autor, Monteiro Lobato, em direção aos negros. Algumas partes do clássico são analisadas e pontuadas como racistas. O tratamento direcionado a Tia Nastácia é o centro de referência dessa polêmica. Como vimos em *Caçadas de Pedrinho* (2008),

Pedrinho pediu à boneca que repetisse a sua conversa com os besouros, espiões. Emília repetiu-a, terminando assim: — É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena. [...] Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 2008, 13).

As expressões “carne preta” e “macaca de carvão” foi um dos pontos considerado por Neto como forma de racismo aos negros. Para o técnico essa posição de Lobato ao comparar Tia Nastácia como um animal, poderia influenciar os leitores a estereotipar a imagem negra.

A partir da denúncia a CEB/ CNE em 1º de setembro de 2010 produziu-se o primeiro parecer. De acordo com a nota técnica elaborada pela Secretaria de Educação Continuada/ Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC) e uma nota da Coordenação Geral de Material Didático do MEC. As pontuações colocadas no parecer a respeito da solicitação de Neto, afirmam que a petição exige algumas medidas.

Dentre as medidas constantes na pauta destaca-se: a criação de um programa de capacitação aos professores para saber lidar com esses tipos de situações no meio escolar e que a obra, *Caçadas de Pedrinho* (1993) só poderá circular no contexto escolar quando o professor estivesse entendimento e compreender os processos históricos que geram o racismo no Brasil; o cumprimento pela Coordenação - Geral de Material Didático do MEC, a avaliar obras clássicas ou contemporâneas que possam conter preconceitos, estereótipos; e que as obras selecionadas pelos especialistas e que estejam no acervo do PNBE, que ainda apresentam preconceitos, caberia a Coordenação Geral de Material Didático e a Secretaria de Educação Básica do MEC intimar a editora responsável pela

publicação, a adicionar uma nota explicativa com esclarecimentos ao leitor, sobre a presença de estereótipos raciais nas literaturas (GOMES, 2010).

O documento publicado pelo CNE sortiu várias interpretações, e a falta de entendimento levou ao surgimento de várias matérias contrárias ao parecer, e um dos comentários era a suposta censura contra o autor. Devido a esses equívocos, em 1º de junho de 2011 houve um segundo parecer, que esclareceu detalhadamente o que se pretendiam na publicação do primeiro.

Em um dos esclarecimentos do segundo parecer a relatora do caso, relata que o processo de análise de Antônio Gomes Costa Neto, ao abordar a explicação da Editora Globo, está só se preocupou em apresentar a revisão das novas regras ortográficas, e em relação ao texto, só se referiu a parte em que expõe os animais silvestres, a qual explicava que a onça pintada não estava em risco de extinção na época que foi escrita e que também não havia leis de proteção aos animais nesse período. Para o técnico, caberia à editora inserir uma nota explicativa justificando a presença do negro e os estereótipos existentes na obra (GOMES, 2011).

O caso não encerrou por aí, em 12 de setembro de 2012 a revista Veja em sua matéria “A estupidez politicamente correta” aborda a catação ao STF (Supremo Tribunal Federal) sobre o mandato relatado pelo ministro Luiz Fux, na autoria de Antônio Gomes da Costa e do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) que mais uma vez relata as passagens racistas na obra do autor e que a obra em análise continuava em circulação. O assunto se dava na decisão de liberar ou não as obras de Lobato as redes de ensino do país. A revista dá sua opinião e afirma que os militantes estão destruindo o que resta de inteligência brasileira (REVISTA VEJA, 2012).

Em uma entrevista à TV Nova Escola, a considerada discípula de Lobato, Marisa Lajolo, apresenta o seu ponto de vista sobre as demais acusações. Em suas palavras a pesquisadora, diz que Lobato é o primeiro e grande autor a explorar a criação imaginária da criança, fazendo dela um ser crítico e generoso, e que sua obra é admirável. Outra colocação da autora, é que as leis não podem definir o que deve e que não deve ser lido e que não vivemos mais em um país de censura. Lajolo, além da revista veja, afirma que esses pareceres contra o autor, são ideias “militantes” que desejam voltar ao passado e retomar o período de ditadura (TV NOVA ESCOLA, 2011).

Ainda na entrevista a autora pontua que não existe racismo nas obras Lobatianas, o que se pretende é formar pessoas “generosas” e “solidarias” com os que sofrem esses tipos de racismo e sobre a solicitação do parecer em explicar aos leitores o contexto social, se torna relevante expor que o período de sua escritura e ao colocar nota nos rodapés dos livros mostrando que os comportamentos dos personagens se davam pelo fator da obra ser escrita em certo momento da história, e que estes eram tratados assim, contribuiria para o aumento de escritores dependentes, sem formação crítica (NOVA ESCOLA, 2011).

Mariza Lajolo, ao contrário de Neto e Luiz Fux, é uma defensora de Lobato, pois não vê nenhum problema gerador de preconceitos na literatura dele, afirmando ainda que a petição em retirar as obras deste autor dos acervos de ensino, são apenas posicionamentos e comportamentos de militares, que almejam censurar as obras do mais conhecido literato infanto-juvenil.

4 REFLEXÃO SOBRE O NEGRO EM NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO

Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

(**Negrinha**, Monteiro Lobato, 2008)

Escrita no período Pré-modernista, *Negrinha*, é uma obra publicada por Monteiro Lobato em 1920, no final do século XIX para o início do século XX, após a abolição da escravatura. Um único volume seguido de vários contos, permeados de traços que revelam o autoritarismo escravocrata e a verdadeira relação existente entre os negros e brancos, um cenário que aponta os interlances da sociedade colonial, predominando a farsa, o sarcasmo e a desumanidade desse momento histórico (CANDIDO, 1999).

Mesmo depois da Lei Imperial, nº 3.353, mais conhecida como Lei Áurea (1888) que garantiu a libertação dos escravos no Brasil, os textos literários, ainda revogam, que a liberdade desse povo nunca fora completa. O livro de Lobato é um exemplo dessa afirmação. Escrita há 32 anos, após abolição dos escravos, esta obra que é direcionada ao leitor adulto, fugindo um pouco do público alvo de Lobato, visto que uma boa parte dos seus textos se volta, às crianças, o que não deixa sair tanto do gênero infantil, já que a obra se trata de uma criança.

Uma reflexão sobre a vida desse povo, que mesmo tendo garantido a sua libertação não conseguiram ser visto no meio social. Nesse sentido, a leitura de *Negrinha* (1920) também reflete a imagem das crianças negras que desde o seu nascimento já tinham seus destinos traçados, pelo desprezo, descaso, entre outros fatores que continuavam a repercutir na sociedade brasileira.

Negrinha (1920) apresenta uma forte crítica em favor dos escravos. No teor da narrativa são encontradas, várias passagens, que desnorteiam a figura negra, por muitas vezes, a personagem deste conto, é chamada de mucama assada, barata descascada, lixo, cachorrinha, pata-choca entre outros adjetivos, o que revela a forma em que os negros, os mulatos, os africanos, os mestiços foram vistos dentro e fora da literatura.

As ideologias criadas pelas classes favorecidas visavam alimentar a ideia de superioridade diante das populações marginalizadas, e nesta narrativa, serão

argumentados, alguns pontos que evidenciam essas ideologias. Como fundamentação, baseou-se na opinião de Fairclough, (2001), sobre o conceito das ideologias. Assim o autor pontua,

[...] que as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Na caracterização de dominação com base na classe, temos na narrativa, diversos fatores que contribuem para a suplantação do negro. Um dos trechos, e a ausência da voz. Em uma das passagens, a personagem dona Inácia é uma forma viva dessa suplantação. Negrinha, a menina é silenciada pela sua senhora, na expressão “cale a boca, diabo”! (LOBATO, 2008.p.24).

Analisando o autoritarismo de Dona Inácia com a garota, pode-se ressaltar a ideologia de dominação de classe conceituada por Fairclough, o que salienta dizer que o poder estava nas mãos das elites e que estes retiravam a liberdade de comunicação dos seus subordinados. Em outro ponto observa-se a caracterização de grupos culturais. Em um dos trechos da narrativa, podemos tomar como exemplo essa caracterização.

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! ‘Qualquer coisinha’: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: ‘Como é ruim a sinhá!’. (LOBATO, 2008.p.25)

Os termos “vinha da escravidão” e “fora senhora de escravos” esclarece o conceito de ideologias dos grupos sociais, caracterizando a que esfera social Dona Inácia pertencia, no caso a elite.

Outro destaque a cerca dessa temática, trata-se da limitação, “Aprendeu a andar, mas quase não andava” (Lobato, 2008.p.24), o que se conclui que os negros, escravizados eram proibidos a liberdade de ir e vir. Mais adiante outro fragmento complementa esta limitação, “Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. ” (Lobato, 2008.p.24).

Não só neste ponto, mas em vários trechos da obra, o autor coloca a frente o comportamento da sociedade colonial. Nesse sentido as ideologias são ratificadas pelas classes dominantes e transformadas ao censo comum, surgindo os preconceitos e discriminações. Negrinha é vítima de uma sociedade preconceituosa, discriminatória, onde prevalece a submissão dos mais fracos.

O negro é visto como um ser subalterno, vivendo sob o domínio do branco. A repressão, a dor, a miséria, o sofrimento, o choro e a falta de liberdade são aspectos vivenciados pela menina. Negrinha era sempre castigada, imobilizada nos cantos horas e horas, o que faz lembrar a situação vivenciada pelos escravos durante a escravidão e depois da abolição.

4.1 Linguagem e significação do conto

O título da obra "*Negrinha*" nos apresenta de forma clara a falta de identidade negra dentro das literaturas brasileiras, no caso a personagem principal é representada neste momento pelo nome pejorativo "Negrinha" o que consiste em o único nome concedido a garota. Em toda a narrativa a personagem é descrita assim.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio (2001.p.483), o termo "negro", refere-se adjetivo "preto" que designa ao indivíduo que tem a pele muito pigmentada; uma raça que sua principal característica é a pele escura.

Analisando a construção, do nome: – negro – acrescido do sufixo – inha, é possível distinguir que se trata de um neologismo, o que denota uma impressão diminutiva, pejorativa, uma caracterização que traz uma diminuição à personagem. Em consonância com os outros termos do dicionário, preto, pele pigmentada, verifica-se que além da suposta diminuição ou inferiorização, também se denota os outros adjetivos que designam a construção da identidade negra, atrelando a cor da pele como sua principal característica.

A menina não é atribuída nome, apenas um apelido, a mesma também não possui uma cor definida e por muitas vezes durante o enredo dos contos é chamada de mulatinha, negrinha, pestinha ou mucama assada; não tem uma família; tem uma dona, que a maltrata; não possui um lugar onde mora; - vive perambulando pelos cantos. Parece "um gato sem dono" - sua condição é quase a mesma de um animal. A comparação é explícita, o racismo é evidente nesta narrativa.

Segundo Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (2009),

(...) o nome pessoal é bem mais que um signo de identificação. É uma dimensão do indivíduo. O nome será coisa viva. Encontram-se no nome todas as características do símbolo: 1. Ele é carregado de significação; 2. Escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa, faz-se com que ela viva ou sobreviva. 3. O conhecimento do nome proporciona poder sobre a pessoa (...). (CHEVALIER e CHEERBRANT, 2009 p. 641).

Como nenhum desses elementos é identificado na personagem no sentido de trazer vida, pela ausência de nome, “negrinha” pouco a pouco vai sendo submetida ao aniquilamento identitária. A falta do nome designa não só a garota; ela é um reflexo de seu povo, que em vários momentos da história foram vistos, sem nome, sem identidade. Nas mimosidades sarcásticas do autor, a menina é apresentada com diversos adjetivos: [...] Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. (LOBATO, 2008, p.24).

O conto revela a realidade de uma criança que já nascera para sofrer, que vive em um mundo totalmente discriminatório. Dessa forma deparamo-nos com uma criança não nomeada, silenciada, abandonada, reprimida de todas as formas pela sua senhora, desde o seu nascimento. A ausência de nome, citado no parágrafo acima, negava-lhe a identidade e a rotulação negra.

Para Bauman (2005), o nome é o reconhecimento do ser como sujeito de uma sociedade. Sem tal reconhecimento, o ser humano nunca se torna sujeito. Em todo teor da narrativa, a única forma de identificação, que mais uma vez volta-se a reafirmar foi – Negrinha - e outros adjetivos, o que concede diagnosticar sobre a afirmação de Bauman (2005) faz parte de um sujeito inferior e que não foi concedida a ela um nome.

Outro ponto a ser considerado na narrativa é o lugar onde a menina vive, sua casa ou sua tortura. Para Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (2009), “a casa significa o seu interior, seus andares, seu porão e sótão simbolizam diversos estados da alma”. [...] Ela também é um símbolo feminino de refúgio e proteção”. Para a garota este ambiente está longe de ser um refúgio, já que passava maior parte do seu tempo de castigo, imobilizada horas e horas.

– Sentadinha aí, e bico, hein? Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas. – Braços cruzados, já, diabo! Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante. (LOBATO, 2008.p.26)

Uma personagem que vivia sozinha, em seu canto, recolhida, trancada em si mesma, com sua inocência se divertia com o relógio que batia várias vezes, uma felicidade que duravam minutos, que permanecia até o durar das batidas e o abrir do cuco do relógio.

4.2. Preta, Fusca, Mulatinha: preconceito e discriminação

A menina negra de sete anos representa os negros, os mulatos, os mestiços na literatura brasileira. O conto traz vários pontos importantes para um discursão significativa a respeito do teor discriminatório, existido no momento pós-escravidão, onde na obra em questão, temas como o preconceito racial, a visão mental escravocrata, posição social, violência infantil, figuração da beleza, e exclusão dos direitos da criança, são frequentes (BIGNOTO, 2007).

Outro autor a dar sua opinião é Proença Filho (2004.p.161) o mesmo afirma que, “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção de nossa sociedade”. Levando em questão o posicionamento de Proença, verificaram-se no texto alguns pontos que concluem essa argumentação.

Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. ‘[...]excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu.’ ‘[...] Ótima, a Dona Inácia’. (LOBATO, 2008, p. 24).

Enquanto Dona Inácia é apresentada como excelente senhora, rica, dona do mundo, Negrinha é colocada como preta, fusca, mulatinha. Aqui se observa a distinção existente entre as duas personagens. Uma é elogiada e outra discriminada. Ou seja, o discriminado e o discriminador. A materialização das crenças racistas, a negação de aceitar o outro pelas suas características, a falta de respeito torna uma sociedade preconceituosa e racista.

Segundo Silva (2001, apud CAVALEIRO, 2001), o Brasil foi o país que obteve maiores números de escravos e a grande demanda de pessoas negras africanas em meados do século XVIII contribuíram para o aumento de

discriminações e preconceitos fortalecendo assim as teorias racistas. As misturas de povos, a diferenças de cor, a características físicas dentre outros fatores favoreceram para o aumento de preconceitos e estereótipos contra a classe negra. Silva (2001), a esse respeito afirma que o racismo se deu na falta de aceitação dos seres humanos, na falta de aceitação do corpo das pessoas negras.

O racismo tem se manifestado de maneira muito evidente, quando se tenta negar a humanidade das pessoas negras, comparando-as por meio de seus atributos físicos a coisas, doenças e animais. Essas naturalizações são comparadas na cultura brasileira. (SILVA, 2001, et, al CAVALLEIRO, 2001 p. 75).

Pontua-se aqui que a discriminação ocorreu pelo comportamento preconceituoso, pelo racismo existente em meio às classes dominadoras. O fato de não aceitar o outro pelos seus atributos físicos resultou na discriminação dos seres humanos. A linguagem racista, comparativa, discriminatória, tornou um tabu que pendurou por muito tempo na nossa sociedade. Pode-se atrelar a construção dessa tomada de posição da sociedade também pelo fato do homem negro ter sido introduzido no cenário brasileiro por um contexto de subordinação, onde eram embarcados no contexto presos a grilhões dos quais serviam para reforçar sua limitação.

A esse respeito Silva (2001),

A discriminação, por sua vez, é a manifestação comportamental do preconceito, ou seja é a materialização da crença racista em atitudes que efetivamente limitam ou impedem o desenvolvimento humano pleno das pessoas pertencentes ao grupo discriminado e mantêm os privilégios dos membros do grupo discriminador à custa do prejuízo dos participantes do grupo discriminado (SILVA, 2001, et, al CAVALLEIRO, 2001 p. 75).

Em *Negrinha* a negação da humanidade negra é notória, a caracterização dos negros é distinguida pela cor e pelos atributos recebidos. A menina vivencia essa negação, seu corpo tornou-se o objeto alvo de preconceitos e estereótipos, a sua imagem é carregada de negatividade, um exemplo vivo do preconceito que violou os negros dentro da história brasileira. Uma visão social em meio às pós-abolição, e que mesmo “libertos” ainda carregavam as marcas dolorosas desse período histórico.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi bubônica. (LOBATO, 2008, p. 25)

Outro ponto merecedor de avaliação é a violência. A criança por sua vez também sofre o descaso que aflorou o nosso país. Assim como seus pais, as crianças negras eram vítimas das mais variadas formas de tortura, não se esquecendo do sofrimento causado pela ausência do contato direto com a sua família. Em uma passagem do texto tem-se uma conclusão concreta sobre essa situação:

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichassem um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta. (LOBATO, 2008, p. 24).

O desprezo e o ódio sentidos por Dona Inácia não se vinculam somente à idade da criança, mas também ao fato de ser uma senhora escravocrata o que presume relatar a visão dos senhores escravistas feudais da época, que não tinham consideração e amor às crianças negras, onde o tratamento que era dado a elas não poderia ser comparado, visto que até animais recebiam um tratamento melhor.

Outro ponto é a caracterização do gênero diagnosticado por FAIRCLOUGH, (2001). Na narrativa, a personagem central trata-se de uma menina, menina esta que representa a mulher negra na literatura brasileira, ou seja, o gênero feminino negro. Negrinha representa a fragilidade desse gênero, e a discriminação concedidas a elas.

Enquanto negrinha se apresenta sem nome, sem cor, sem identidade, as netas de Dona Inácia, são descritas como, “as meninas loiras”, assim apresentadas no conto, aflora, representando o gênero feminino branco, e outro lado social, a classe branca.

As sobrinhas de Dona Inácia representam a classe burguesa e são descritas de forma totalmente contrária a negrinha, o que se pode considerar como a outra face de história, as mulheres brancas. “[...] certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas [...]” (LOBATO, 2008, p. 24).

Observando a descrição das personagens, compreende-se que elas recebem caracterizações diferentes, pois enquanto as sobrinhas de dona Inácia, são caracterizadas como, lindas, loiras e pequenotas, a filha da ex-escrava é preta, feia e pestinha; enquanto uma é rica a outra é pobre e enquanto uma vive perambulando pela casa, as outras se aconchegam em ninho de plumas. Portanto, essa é mais um exemplo da narrativa que denota a figuração negra como símbolo de preconceito e discriminação, o que faz refletir mais uma vez a situação de desigualdade entre as classes sociais brasileiras.

5 CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados, é possível constatar que por muito tempo os africanos, transformados em escravos no Brasil, vivenciaram tempos difíceis, suprimidos e massacrados por aqueles que os consideravam diferentes (brancos). Cabe ressaltar que os negros no decorrer da história entrelaçaram uma constante luta em favor de igualdade e respeito.

Em relação a Monteiro Lobato, este teve uma grande contribuição na literatura, tematizou em seus textos a sociedade de sua época, através da literatura infantil enriqueceu a cultura brasileira, sendo porta voz das crianças, e bem reconhecido no cenário brasileiro. Em relação ao suposto racismo, não se sabe o que estava nos pensamentos de Lobato, nem mesmo temos capacidade de julgá-los. Porém, cabe pontuar que o seu estilo de escrita, talvez tenha sido um ponto considerável para tais julgamentos, ao nível de considerá-lo racista.

Quanto à obra *Negrinha*, esta apresenta uma forte e dolorosa reflexão a respeito das pessoas negras, nela é possível observar que ao decorrer da história, os negros foram alvo de estereótipos, preconceitos e discriminações, devido a sua cor, apesar de se tratar de uma ficção a narrativa apresenta traços históricos que prevaleceram e prevalecem até os dias atuais.

Diante de tudo que foi exposto, é considerável concluir, que apesar das resistências, das lutas e dos movimentos negros, ainda há muito a conquistar. A sociedade atual apresenta muitos contornos e precisa-se aprender mais sobre o respeito às diferenças, pois não é a cor da pele que vai definir a personalidade dos seres humanos, todos temos o mesmo sangue, pois ele é da mesma cor (vermelho), e em nenhum momento da história a ciência comprovou que este foi diferente. Podemos até ser diferentes por fora, mas por dentro somos iguais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Os escravos. Clássicos da Literatura**. Trad. Elvira de Oliveira. São Paulo: Roseli Lopes editor, 2000.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço. Clássicos da literatura**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2ª ed. 2018.

AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

BARBOZA, Viviane Fernandes. CORTEZ Maria Cecilia. **Identidade negra exclusão e liberdade**. Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil, 2016. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103> > acesso em 30 de abril 2019 às 17:30h.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**: Editora Brasiliense, São Paulo 1988.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Monteiro Lobato em Construção**.Unicamp,2007. Disponível em < <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobato.pdf>. Acesso em,29 de junho de 2019.

BRASIL, 2010. **Parecer CNE/CEB 15/2010**. Acesso em: 20 de junho de 2019. Disponível em:<[Http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>

BRASIL, 2011. **Parecer CNE/CEB 06/2011**. Acesso em: 20 de junho de 2019. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8180-pceb006-11-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes / 3. ed.** – São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP, 1999.

CASTILHO, Suely Dulce. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de professor, Ponta Grossa, 7(1): 103-113, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação/repensando a nossa escola. São Paulo: summus,2001.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números)**. Tradução: Vera da Costa e Silva. [Et al]. 23ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio 2009.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.13, n.25, p.17-31,2º sem.2009.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. UNB: Brasília: 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário da Língua portuguesa. Baird Ferreira; Lexicografia, Margarida dos Anjos** ... [et al.]. 4. Ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERES JR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; EINSERBG, Zena Winona. **Monteiro Lobato e o Politicamente Correto**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, no 1, 2013, pp. 69 a 108. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dados/v56n1/a04v56n1.pdf>> Acesso em 21 de junho de 2019 às 17:35h.

GUIMARÃES. Bernado. **A escrava Isaura**. Belém: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, (2000)

LAJOLO, Mariza. **Entrevista concedida a Revista Nova Escola**. Youtube, 24 maio, 2011. Acesso em: 25 de Junho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>. Acesso em: 20 de maio de 2019

LAJOLO, Mariza. ZILBERMAM. Regina. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias**/ 6 edição – São Paulo: ISBN 978 8508 02841-2, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981.

_____. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Ideias de Jeca Tatu**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **O poço de Visconde. Geologias para as crianças**. Obras completas de Monteiro Lobato. 2º série. Literatura Infantil, vol. 10. Editora Brasiliense 1965, rua Barão de Itapetininga. São Paulo, 2008.

MARINGONI, Gilberto. **História- O destino dos negros após Abolição**. A revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA. 2011, Ano 8, ed. 70. Disponível em http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23. Acesso em 16/07/20 Modernismo no Brasil. https://pt.wikipedia.org/wiki/Modernismo_no_Brasil. Acesso em 24 de junho de 2019.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004 (Coleção Viver, Aprender).

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000.

PASSIANE, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato, O público leitor e a formação do campo literário no Brasil**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 7, janeiro 2002, p.254-270.

PROENÇA, Filho. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. 2004.

SODRÉ, Nelson Weneck. **Panorama do Segundo Império**. Rio de Janeiro: grafia, 1911.